

A ECLÉSIA PÓS-MODERNA: UM DESAFIO PARA A LIDERANÇA

A era do pós-modernismo não é aceita entre alguns estudiosos. No entanto, não podemos negar que muitos traços desse sistema são desenhados no cotidiano da sociedade atual.

Da fonte *Thinking Straight in a Crooked World*, Gary DeMar, *American Vision*, p.298-299, divulgada por www.monergismo.com, extraio a afirmação de que “enquanto o Modernismo e o Cristianismo chocam-se na alegação que cada um faz da verdade, o pós-modernismo ataca o próprio conceito de verdade. Para o pós-modernismo, a verdade é simplesmente ‘o que funciona pra você’. Pós-modernismo, então, alega não tanto uma *ortodoxia* (um sistema positivo de crença ou cosmovisão) como uma *ortopraxia* (uma série de métodos de análise).”

O MUNDO PÓS-MODERNO

Hoje, o homem não recebe tão passivamente o conhecimento sobre o mundo. Para ele, a realidade depende de uma visão pessoal e perceptível. “Para o pós-modernista, a única coisa que pode ser conhecida é a experiência pessoal e as interpretações dessa experiência.”

Vemos que cada dia mais a individualidade é uma variante significativa entre relacionamentos e contatos sociais. A interpretação pessoal ganhou espaço não apenas em sua criação, mas em sua manifestação.

O professor Raymundo de Lima, na revista Espaço Acadêmico, nº 35, de Abril de 2004, diz o seguinte: “Na sociedade ocidental pós-moderna a visibilidade de cenas tende a ser obscena, quando exclui a dimensão da subjetividade e da privacidade das pessoas. Ou seja, anula-se a dimensão do privado, tornando ‘tudo’ público, do cotidiano dos ansiosos por fama dos ex-anônimos do programa televisivo Big Brother, aos já famosos da revista Caras, e, também, o ritual histérico dos evangélicos, dos carismáticos e islâmicos, que se oferecem para serem vistos pela televisão seduzindo todos com suas ‘justas causas’, aos miseráveis igualmente noticiados e fotografados decorrentes de algum fato jornalístico” (www.espacoacademico.com.br).

Apesar destas características terem sido escritas há cinco anos atrás, elas continuam perceptíveis pelo senso comum, justamente por fazerem parte do sistema. Contudo, aprofundando um pouco mais o contexto das palavras do Prof^o Lima, observo o conceito de obscenidade paradoxalmente ao esteriótipo sexual, da forma com que está no Dicionário Aurélio: obsceno é aquilo que fere ao pudor; desonesto. Da mesma forma, exploro o conceito de pudor: sentimento de vergonha; mal-estar.

Assim, atingimos uma visão mais ampla e profunda das afirmações citadas, observando que, em nossa sociedade atual, a visibilidade das cenas tende a ferir o sentimento de vergonha, excluindo a dimensão da privacidade das pessoas. Quando o professor cita a manifestação histérica de grupos religiosos em busca de visibilidade, afim de seduzir adeptos, nos voltamos a um dos conceitos do pós-modernismo, onde o próprio conceito da verdade é atacado. A experiência e interpretação individual da realidade não são nocivas, por completo. No entanto, essa individualização pode tornar-se letal quando nos referimos a manifestações sobre a verdade do Evangelho.

A busca insaciável do homem por uma visibilidade de seus princípios baseados em suas interpretações e experiências leva a sociedade a um novo perfil de Igreja, diferente daquele citado no evangelho de Mateus, capítulo 16, versículo 18: “*Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela*”. Mais diferente ainda é a percepção, quando comparada ao texto dos Atos dos apóstolos, capítulo 2, versículo 42: “*E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações*”; e ainda nos versículos 45 e 46: “*E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos segundo cada um havia de mister. E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração*”.

A IGREJA

Etimologicamente, a palavra grega “ekklesia” é composta de dois radicais gregos: “ek”, que significa “para fora” e “klesia”, que significa “chamados”. Pode ainda significar “povo que se organiza”. Daí a origem do termo “Igreja”.

Confrontando as características pós-modernas com as características originais da Igreja, cabe inferir o conceito aplicado no evangelho de Lucas, capítulo 10, versículo 27: “*Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao próximo como a ti mesmo*”. O nivelamento da importância entre “eu” e “meu próximo” caracterizado na Igreja original é desafiado na sociedade pós-moderna, em vários sentidos.

A necessidade de uma experiência pessoal, em busca de uma interpretação individual da realidade vivida em tempos de pós-modernidade, tem se fundido com a característica do povo que se organiza e busca comunhão num objetivo comum. O perfil de um povo unânime, perseverante e focado no desenvolvimento

mútuo tem se transformado no perfil de um povo segregado, pulverizado e obsecado por desenvolvimento individual, sempre baseado na visibilidade, embora ainda se reúna como um corpo. É até interessante esta analogia biológica, no sentido de observarmos ambos os conceitos, sem, no entanto, deixar de aplicá-los com o mesmo exemplo, com duas visões: a individualidade do conjunto e o conjunto da individualidade.

Independentemente da análise da raiz eclesial ou pós-moderna, podemos definir que todas as manifestações são totalmente voluntárias, ou seja, o indivíduo escolhe como e quando agir. A grande variante é a influência do sistema que rege esta voluntariedade, seja ele baseado no objetivo do cristianismo ou na construção da verdade na pós-modernidade.

O DESAFIO DA LIDERANÇA

Líder: seu papel nesta era é muito mais complexo do que se possa imaginar. Numa sociedade tão sedenta por técnicas e habilidades de liderança, é preciso dar espaço ao cérebro que rege o corpo. Como dito antes, a individualização e experiência pessoal em busca da realidade não são totalmente nocivas. No entanto, enquanto vivemos em busca de capacitação pessoal em prol de uma melhor posição competitiva, devemos nos voltar à visão desafiadora de estar à frente de liderados que pensam, tem vontade própria e querem visibilidade, ao mesmo tempo em que deveriam compartilhar e se manter unânimes.

A individualização dentro dos conceitos que prosseguem para o alvo, considerando que este alvo está na verdade do Evangelho, é saudável. Porém, a mensagem do “ide e pregai” tem se transformado em “ide e conquistai” ou “vinde e seduzi”. Não devemos nos esquecer de que grande parte das abordagens sobre liderança vividas nos tempos atuais está demasiadamente baseada no pós-modernismo, dando lugar à capacitação por visibilidade, ao invés de factibilidade; influência por egocentrismo, ao invés de comunitarismo; imagem politicamente correta, ao invés de eticamente correta.

Liderar num ambiente extremamente voluntário, onde o entendimento da recompensa varia de acordo com a interpretação pessoal, é um desafio para quem quer ser líder numa eclesial pós-moderna. Recursos audio-visuais, técnicas de persuasão e contextualização de referências bíblicas são ferramentas por muitas vezes utilizadas como diferenciais estratégicos, para quem quer se destacar num conjunto, e não como ferramentas de disseminação da verdade. Por isso há tantas manifestações que ferem o sentimento de vergonha ou invadem o espaço privado na sociedade. A eclesial travestida de pós-modernidade acaba por transformar a Igreja numa organização profissional, que usa habilidades e técnicas inovadoras, voltada ao alcance das metas de sedução de pessoas e exibicionismo.

Tem-se a impressão de que os exemplos dos milagres protagonizados por Jesus, o Cristo, dos quais enfatizo os que não tiveram prática pública, não servem mais como referencial de uma verdade intrínseca para uma liderança genuína. Hoje, o que vale é aquilo que é onde todos podem ver, e não o que é onde ninguém pode ver.

John Maxwell afirma que “a capacidade de liderança é o limite que determina o nível de eficácia de uma pessoa. Quanto menor a capacidade que um indivíduo tem de liderar, mais embaixo ficará o limite, bloqueando seu nível potencial. Quanto maior a liderança, maior a eficácia” (Os 4 segredos do sucesso, Ed. Thomas Nelson Brasil, 2008). Embora o passo seguinte nos ensine o primeiro princípio – A primeira pessoa que você lidera é você, muitos líderes saltam este passo e prosseguem no exercício da liderança sobre outros em busca da eficácia, dentro da interpretação e experiência estritamente pessoal.

Nestes conceitos abordados, há características que corroboram o êxodo eclesial e migração religiosa. A liderança na eclesial pós-moderna precisa de uma visão apurada nos seguintes aspectos:

- Cada indivíduo tem a capacidade de interpretar e cabe a ele a escolha por agir segundo esta interpretação;
- O senso comum é diretamente influenciado pela interpretação individual da realidade;
- O resultado da liderança é extremamente voluntário e não manipulado;
- Alcance do conceito de “tudo posso, em nada me obrigo, mas nem tudo devo”.

Líder: seu desafio hoje é liderar você mesmo, em primeiro lugar, conhecendo seus limites, objetivos e, principalmente, seus princípios, para em seguida, explorar a experiência pessoal e construção individual da realidade em seus liderados, sem ferir o sentimento de vergonha, mantendo a unanimidade e unidade, destacando a verdade do Evangelho e disseminando a essência da comunhão original, que chama para fora aqueles que são convocados a ir e pregar, “usando palavras quando necessário” (Francisco de Assis).

Wagner Salles

*Membro da Igreja Batista em Cachambi
Rio de Janeiro/RJ*

*Instrumentista e 1º Vice-Presidente do Ministério Jovem
Pós-graduando em Executivo Júnior pela Fundação Getúlio Vargas*